

## **Casa do Carnaval do Recife: espaço de memórias, histórias e produção de novos saberes**

*Recife Carnival House: space for memories, history and production of new knowledge*

Carlos André Silva de Moura\*  
Mário Ribeiro dos Santos\*\*  
Sandra Simone Moraes de Araújo\*\*\*

Palavras-chave:  
Memória  
Casa do Carnaval  
Estandartes

Resumo: Os espaços de memória e pesquisa são fundamentais na formação das identidades e no reconhecimento de territórios com significados polissêmicos, capazes de preservar modos particulares com os quais os grupos sociais pensam e agem nas diferentes temporalidades. O Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural, popularmente conhecido como Casa do Carnaval, localizado na área central do Recife, tem contribuído para a salvaguarda e a difusão das culturas populares, muitas vezes negligenciadas por uma “História oficial”. Neste artigo, a partir de visitas e experiências vivenciadas junto a sua equipe gestora, analisamos como esse espaço atua na elaboração de outras histórias e na produção de novos saberes, por meio de exposições das expressões culturais, idealização de materiais bibliográficos e preservação de documentos das mais diversas tipologias, a exemplo da coleção de estandartes que compõe um ambiente impregnado de afetos, histórias e memórias.

Keywords:  
Memory  
Casa do Carnaval  
Banners

Abstract: Memory and research spaces are fundamental in the construction of identities and in the recognition of territories with polysemic meanings, which are capable of preserving particular ways in which social groups think and act in different temporalities. The Center for Training, Research and Cultural Memory, popularly known as Casa do Carnaval, located in the central area of Recife, has contributed to the safeguarding and dissemination of popular cultures, often neglected by an “Official History”. In this article, based on visits and experiences with its management team, we analyze how this space works in the elaboration of other stories and production of new knowledge, through exhibitions of cultural expressions, idealization of bibliographic materials and preservation of documents of the most different typologies, such as the collection of banners that make up an environment imbued with affection, stories and memories.

Recebido em 15 de janeiro de 2024. Aprovado em 08 de março de 2024.

\* Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Associado / Livre-docente da Universidade de Pernambuco. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: [carlos.andre@upe.br](mailto:carlos.andre@upe.br)

\*\* Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco. E-mail: [mario.santos@upe.br](mailto:mario.santos@upe.br)

\*\*\* Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Associado / Livre-docente da Universidade de Pernambuco. E-mail: [sandra.araujo@upe.br](mailto:sandra.araujo@upe.br)

## Introdução

*Na vida de qualquer indivíduo, família, comunidade ou sociedade, a memória tem importância fundamental. É o tecido da identidade (Mandela, 2011, sp).*

Iniciamos este texto fazendo uma referência à importância da memória presente em arquivos, cujo conteúdo é repleto de documentos que possibilitam infinitas maneiras de conhecer e interpretar acontecimentos, a partir de fragmentos das nossas histórias. Por isso, utilizamos um pensamento de Nelson Mandela (1918-2013), na obra *A Prisoner in the Garden: Opening Nelson Mandela's Archive*, composta por cartas, diários e imagens produzidas durante os 27 anos (1963-1990) em que esteve preso na África do Sul. Escritos que revelam sentimentos, vivências e ideias que se transformaram em documentos de memória e que nos possibilitam conhecer a sua cultura, os seus pares e o seu passado de luta, produtor das suas múltiplas identidades (Mandela, 2011).

Pensar sobre a memória<sup>1</sup>, para além da capacidade humana de armazenar informações, é considerar as diferentes possibilidades de registro utilizadas por diversos sujeitos em distintas temporalidades. A pesquisadora Adriane Piovezan (2020), em seu livro *Arquivos e acervos históricos como forma de acessar o passado*, convida-nos a refletir sobre um vasto repertório de documentos como fontes históricas. De acordo com a autora, os primeiros registros deixados pelos humanos foram as pinturas rupestres e, com o passar do tempo, emergiram outras maneiras de comunicação, tais como: a escrita, a pictografia, a fotografia, entre outros instrumentos produzidos pelos sujeitos nas diferentes culturas (Piovezan, 2020).

Pinturas em cavernas, xilogravuras, arte pictórica, pergaminhos, imprensa escrita, fotografias, múltiplas são as linguagens das quais o ser humano lança mão para registrar as relações do cotidiano e armazenar um contingente de informações, por meio do qual constrói cosmologias para explicar ou problematizar a sua existência (Araújo, 2022). Os artefatos produzidos pelos seres humanos guardam, na sua composição, os vestígios de um tempo pretérito, cujo conteúdo é composto de memórias,

as quais “conservam certas informações, remetem-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1996, p. 423).

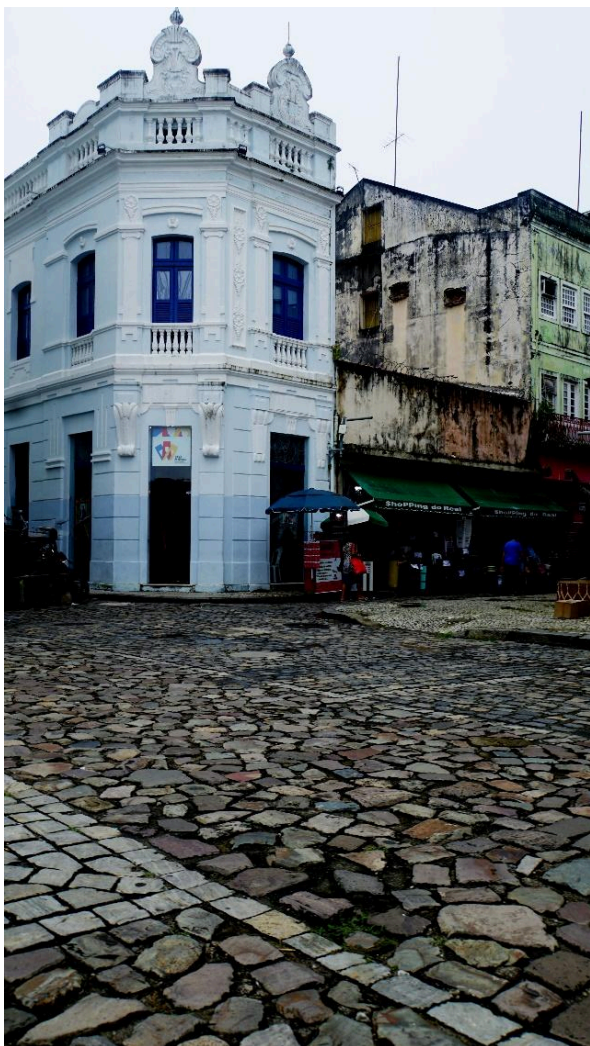
O processo de atualização das informações pretéritas não ocorre pela ação de repetição cronológica dos eventos ou experiências vivenciadas pelos sujeitos, que não são construções fechadas e isoladas, mas novas possibilidades de interpretações e reatualizações dos conteúdos impressos nos diferentes tipos de artefatos, os quais constituem um imenso repertório sobre a trajetória do humano. Aos poucos, esse conteúdo é visitado pelos pesquisadores, a exemplo dos trabalhos dos historiadores Jacob Burckhardt e Johan Huizinga, que basearam as suas interpretações sobre as culturas italiana e holandesa em quadros de artistas como Raphael e Van Eyck, bem como em textos sobre o período do Renascimento (Burke, 2017, p. 20).

Os objetos de arte apresentam uma abundância de sentidos. Situando-os no contexto da cultura, convidam-nos a pensar sobre infinitas possibilidades para interpretar os fazeres e saberes das relações dos sujeitos com o cotidiano. Partindo desse pressuposto, pedimos licença ao poeta da “invencionática”, Manoel de Barros (1916-2014), para tratarmos sobre as inventividades dos sujeitos, que fazem as manifestações culturais populares em Pernambuco, registradas nos diversos suportes documentais que integram o acervo do Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural, popularmente conhecido como Casa do Carnaval - equipamento público gerido pela Fundação de Cultura Cidade do Recife da Prefeitura do Recife.

A Casa do Carnaval é como o quintal da residência do poeta Manoel de Barros: “maior do que o mundo”, guarda as invencionices, “os restos, as coisas e os seres desimportantes” (Barros, 2015), negados pelo universalismo predador da colonialidade<sup>2</sup>. O espaço está localizado no coração do Bairro de São José, no sobrado de número 52, e integra o conjunto de equipamentos culturais do Pátio de São Pedro. A localidade é formada por arquitetura históricas, composta pela Concatedral de São Pedro dos Clérigos (1782) e casarios em estilo colonial, os quais abrigam alguns bares, restaurantes,

antiquário, a sede do Afoxé Oyá Alaxé e lugares geridos pela Prefeitura da Cidade do Recife, a exemplo da Casa do Carnaval, Memorial Chico Science, Memorial Luiz Gonzaga, Museu de Artes Visuais, Museu de Arte Popular e Núcleo da Cultura Afro-Brasileira. Nos principais ciclos festivos, recebe apresentações de agremiações carnavalescas, quadrilhas juninas, grupos de pastoril, bumba-meu-boi, cavalo-marinho, entre outras formas de expressão.

Na imagem abaixo (Figura 1), visualizamos a potencialidade arquitetônica do equipamento, em uma típica construção do início do século XX, que serviu como moradia, comércio e há 33 anos tem sido conservado a partir dos usos pelo poder público. Além de espaço de preservação da memória, seu formato pode ser explorado para os debates sobre o patrimônio edificado na cidade.



**Figura 1 – Sobrado nº 52: Casa do Carnaval.**  
Foto: Sandra Simone Moraes de Araújo, agosto/2022.

Podemos dizer que a Casa do Carnaval é uma das guardiãs de memórias e de patrimônios não valorizados pelos saberes hegemônicos. Neste sentido, se a história oficial não contou as memórias dos carnavalescos, passistas, quadrilheiros e outros representantes das culturas populares, salvaguardadas no lugar, o trabalho com o material permite que outras gerações conheçam o patrimônio simbólico produzido nas periferias do Recife e de sua Região Metropolitana, sedimentado por outros entendimentos históricos. Desse modo, corroboramos o pensamento da escritora Conceição Evaristo, quando diz que “ao se permitir que os silenciados ocupem lugares delineados pela escrita, dá-se vazão ao reprimido que emerge rasurando a cena dos grandes feitos a fim de compor outras histórias” (Evaristo, 2021, p. 32).

A escrita elencada por Conceição Evaristo está materializada nos diversos documentos presentes no espaço em foco, como as partituras dos maestros e músicos, as informações dos representantes de grupos culturais que participaram dos diversos eventos da Casa, transcrições de entrevistas com lideranças das agremiações, dentre outros. Neste estudo, voltaremos os nossos olhares para analisarmos a pluralidade de saberes contidos na Galeria dos Estandartes, compreendida como instrumento de produção de conhecimento histórico, em espaços que fogem do modelo convencional de ensino. Deve-se destacar que os 14 standartes presentes na sala foram doados por artistas ou grupos carnavalescos, preocupados em salvaguardar as suas histórias, como um mosaico que toma forma a partir de elementos singulares na constituição de representações coletivas.

### **A Casa do Carnaval: espaço de trocas e de produção de conhecimentos**

Inaugurada em 22 de agosto de 1990, a Casa do Carnaval é um espaço de produção de conhecimento e reflexão, revelador de histórias que se aproximam das experiências do cotidiano e dos modos pelos quais os diferentes grupos sociais percorrem e se apropriam dos espaços públicos da cidade. Nesse território com significados mutantes e

polissêmicos, o lugar é testemunho da diversidade e atua:

[...] como [o guardião] dos diferentes tempos, dos mistérios, das histórias de boa e má fama dos seus personagens, e das múltiplas celebrações que nos levam pela memória a lugares da infância, fazendo reviver afetos e emoções em torno de momentos vivenciados em outras épocas e lugares (Prefeitura da Cidade do Recife, 2011, p. 3).

Esse território de sociabilidades está localizado no Bairro de São José, um dos lugares do centro histórico do Recife onde o passado e o presente se entrelaçam, preservando “histórias protagonizadas por sujeitos que cotidianamente burlam a ordem e protagonizam movimentos os quais contradizem as regras de um sistema opressor” (Santos; Araújo, 2022, p. 23). Espaço diverso, que por muito tempo foi abrigo dos intelectuais, em residências ou cafés, com a reunião de uma “pléiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais” (Rama, 1985, p. 51; Moura, 2011). Caminho dos trabalhadores do porto do Recife, espaços dos vendedores, dos “homens ordinários” que efetivaram ações cotidianas em ruas, becos e pátios.

O bairro foi interpretado por poetas, memorialistas, escritores dos mais diversos, que traduziram o seu comércio e acordos traçados nas casas, nos escritórios ou nas ruas. Em diferentes obras, Gilberto Freyre (1900-1987) apresentou diversos sentidos para a localidade. Em sua narrativa, destacou que o bairro “não é [...] só um espaço à parte dos outros: é também um tempo diferente. Mais retardado, dizem os progressistas [...] onde aos domingos, pela manhã, se preparavam os melhores munguzás do Recife, com um cheiro bom de milho e canela que vinha de dentro das casas até à rua” (Freyre, 1967, p. 04).

Com tal heterogeneidade e histórias diversas, consideramos o lugar como o ideal para abrigar uma casa alicerçada na diversidade e na pluralidade de experiências dos sujeitos que por lá transitam. Partindo dessa perspectiva, podemos afirmar que:

[...] a Casa existe como um prolongamento das residências daqueles que fazem as manifestações culturais. Frequentemente recebe a visita de carnavalescos, compositores, maestros, passistas, quadrilheiros, pastoras, mestres de apito, velhos de pastoril e outros, que, num animado ir e vir, conversam, contestam e transmitem as suas experiências aos pesquisadores que aqui se encontram (Prefeitura da Cidade do Recife, 2011, p. 28).

O fragmento anterior nos possibilita pensar a Casa do Carnaval como um espaço de trocas e de produção de conhecimento horizontal, que se desloca num movimento de mão dupla, com a intenção de “descolonizar a ordem eurocêntrica do conhecimento” (Kilomba, 2019, p. 53). Com um trabalho voltado para o intercâmbio entre a história e as culturas populares, o espaço possui um acervo amplo, distribuído nos três pavimentos do imóvel. No primeiro piso, abriga as exposições temporárias, organizadas a partir de temas que envolvem as memórias e as expressões culturais de Pernambuco. Maracatus, afoxés, caboclinhos, pastoril, quadrilhas juninas, ciranda, reisado, frevo são algumas das formas que movimentam o espaço com histórias, vozes, sons, cores e brilhos que nos possibilitam repensar as nossas certezas a respeito do patrimônio cultural.

Na imagem a seguir, notamos a diversidade de elementos para a formação da exposição “São João é Alquimia: um lugar de memória”. Ao entrar no ambiente, o visitante é convidado a refletir sobre os sentidos da festividade, com a possibilidade de interagir com as atividades na Casa do Carnaval. Do mesmo modo, a ação apresenta diferentes práticas que remetem às memórias dos períodos distantes, com práticas que envolvem os festejos juninos. Um dos objetivos da exposição é oportunizar o visitante interagir com o conteúdo, deixando a passividade de um mero expectador durante a visita, a exemplo do quadro de mensagens, no qual cada pessoa escrevia suas memórias sobre a festa.



**Figura 2 – Exposição São João é Alquimia: um lugar de memória.**

Foto: Sandra Simone Moraes de Araújo, agosto/2022.

Seguindo para os pavimentos superiores, deparamo-nos com uma escada de madeira em estilo caracol (Figuras 3 e 4), cuja decoração remete a conhecidos logradouros da cidade do Recife. Cada degrau é um convite para recordar ou conhecer lugares, os quais consistem em “instrumento precioso para constituir a crônica do cotidiano” (Bosi, 2003, p. 15). São ruas do centro da cidade e de bairros da periferia onde se encontram as sedes de agremiações carnavalescas, as casas dos integrantes das quadrilhas juninas, os terreiros dos maracatus, dos afoxés e das escolas de samba. Lugares invisibilizados, que não integram os roteiros do turismo convencional vendidos pelas agências. Do mesmo modo, notam-se os silêncios dos planejamentos escolares em relação às visitas a esses lugares, sem os usos das potencialidades que as exposições, documentos e histórias podem oferecer na elaboração das narrativas sobre a cidade, especialmente àqueles em idade escolar (Santos, 2022, p. 17-18).

Nesses espaços, os fazeres e saberes das expressões das culturas populares se apresentam como estratégia subversiva de enfrentamento às ações do invisível, com a invenção de mundos que viabilizam a luta pela sobrevivência e pela resistência das práticas culturais. Os nomes em cada degrau

buscam fortalecer a identidade com o visitante, a exemplo da Travessa de São Pedro, popularmente conhecida como Beco do Veado ou dos amoladores de alicates e tesouras.



**Figuras 3 e 4 – Degraus da Escada Casa do Carnaval.**

Foto: Sandra Simone Moraes de Araújo, agosto/2022.

Na organização das informações, o Beco do Veado, localizado ao lado da Casa do Carnaval, ocupa a memória dos recifenses como um espaço de prestação de serviços, venda de alimentos e objetos de toda natureza. O termo provoca uma conexão da

informação com práticas cotidianas na cidade, que atribuem significados distintos dos oficiais para cada localidade<sup>3</sup>. As nomenclaturas das ruas e becos do Recife foram temas de estudos para Gilberto Freyre que, ao destacar as particularidades de cada localidade, os sentidos atribuídos por seus moradores e usuários, demonstrou a preocupação de que algumas denominações “[...] têm sido substituídas por nomes de homens mais ou menos ilustres ou de datas mais ou menos gloriosas [...] Foi assim que a Rua dos Sete Pecados Mortais deixou assim de chamar-se para adquirir o rótulo oficial e, no caso, inexpressivo, de Rua Tobias Barreto” (Freyre, 2007, p. 46)<sup>4</sup>.

Para Michel de Certeau, os moradores que ocupam os locais planejados pelo urbanista impõem práticas culturais que reconstróem ou alteram o modo de vida previsto por seu idealizador. Dessa forma, os sistemas culturais múltiplos inferem uma lógica própria e impõem uma ação que transforma o plano original. Os responsáveis pelos espaços ocupados não têm a capacidade de controlar as invenções e reinvenções culturais de um grupo específico ou de uma organização social.

Para o autor, as “maneiras de utilizar o espaço fogem à planificação urbanística: capaz de criar uma composição de lugares, de espaços ocupados e espaços vazios, que permitem ou impedem a circulação”. A ressignificação da Travessa de São Pedro em Beco do Veado é o resultado das práticas cotidianas, que trazem novos sentidos aos espaços das cidades. Sendo assim, consideramos que “o urbanista é incapaz de articular essa racionalidade em concreto com os sistemas culturais, múltiplos e fluidos, que organizam a ocupação efetiva dos espaços internos [...] ou externos [...] e que debilitam com vias inumeráveis” (Certeau, 1995, p. 233-234).

A cidade pensada e exposta na Casa do Carnaval não é vazia ou linear: reflete os sentidos de uma população que constantemente reinventa o espaço. Nesse sentido, tais práticas não são ignoradas pelo equipamento que busca refletir sobre as histórias do cotidiano. Mesmo que consideremos a

importância do planejamento urbanístico, notamos a validade das reinvenções dos “homens ordinários” (Certeau, 2002) que ocupam e transformam os espaços públicos.

No primeiro andar, temos acesso ao auditório, cujo nome homenageia o Mestre Salustiano (1945-2008) e Dona Santa (1877-1962), duas personalidades que fazem parte da história das culturas populares de Pernambuco, especialmente no que diz respeito ao maracatu de baque solto e de baque virado, respectivamente. Nesse ambiente se encontra a Galeria dos Estandartes, espaço acolhedor dos diferentes públicos que por lá transitam durante palestras, seminários, cursos de curta duração, oficinas, lançamentos de livros, entre outros eventos que acontecem durante o ano. Nas paredes, há textos e alguns quadros com informações sobre parte da trajetória do Mestre Salustiano e de Dona Santa, com dados sobre suas inserções em atividades cotidianas da cidade.

O visitante que participa de uma atividade no auditório é “acolhido” pelos materiais que compõem a galeria. São estandartes de diferentes agremiações carnavalescas, alguns que remetem ao século XIX, utilizados em diferentes festividades. As representações do Mestre Salustiano e de Dona Santa “recepionam” aqueles que entram no espaço, como um portal para o início dos debates em um lugar de vivências múltiplas.

O último pavimento da Casa do Carnaval abriga um acervo onde se encontram documentos disponíveis para pesquisa, tais como: partituras de frevo, livros, periódicos, monografias, folders, fotografias, material audiovisual, transcrições de entrevistas, adereços, fantasias e bonecos gigantes. No local também são realizadas as ações de conservação preventiva, higienização mecânica do acervo, acondicionamento e catalogação, visando minimizar a deterioração dos documentos e oferecer ao público pesquisador uma diversidade de fontes organizadas e de fácil acesso<sup>5</sup>.



**Figuras 5 e 6 – Auditório Mestre Salustiano e Dona Santa/ Galeria dos Estandartes.**

Foto: Sandra Simone Moraes de Araújo, agosto/2022.

O espaço também oferece possibilidades de coleta de informações por pesquisadores, que podem realizar investigações para o desenvolvimento de trabalhos em diferentes áreas do conhecimento. Além de um lugar para a salvaguarda do material, a Casa do Carnaval também tem o objetivo de colaborar com as discussões científicas, com a intenção de promover a difusão do conhecimento a

partir dos diálogos com a academia. A coleta de informações documentais contribui para a produção de artigos, monografias, dissertações e teses, além da realização de oficinas e aulas para a formação de novos pesquisadores e docentes das diversas áreas do conhecimento.



**Figura 7 – Sala de Pesquisa - Acervo.**

Foto: Sandra Simone Moraes de Araújo, agosto/2022.

Neste instante, precisamos destacar as diferentes compreensões sobre os documentos históricos no espaço. Para os arquivistas, pode ser o registro de uma informação, independente da natureza do suporte que a contém. No entanto, também podemos considerar como “documento histórico” uma variedade de registros da atividade humana, que resguardam questões relacionadas à História e à memória dos indivíduos (Certeau, 2002).

No interior da Casa do Carnaval, as memórias dos sujeitos carnalizados do Recife estão evidenciadas em todos os cantos: nas fotografias, nas entrevistas gravadas, no bordado dos estandartes, nas fantasias, nas exposições, assim como nos diferentes corpos que fazem as manifestações culturais e por lá circulam no cotidiano, expressando suas múltiplas identidades, portadores de uma estética e pedagogia próprias.

Partindo desse pressuposto, pensamos o espaço como guardião de um patrimônio não valorizado, pautado na resistência de sujeitos anônimos, que lutam pela existência num sistema que mata de “muitas formas: o esquecimento, a escassez de experiências [...] o enquadramento em uma única possibilidade de ser, a interdição de saberes ancestrais, o desarranjo de memórias, a vigilância sobre a comunicação, o desmantelamento cognitivo [...]” (Simas; Rufino, 2019, p. 53), entre

outras formas de aniquilamento que inviabilizam a humanização da produção de conhecimentos vivenciados nas periferias.

### **A Galeria dos Estandartes: histórias bordadas de vidas nem sempre coloridas**

Uma aula na Casa do Carnaval nos permite exercitar a habilidade da imaginação, acessar outras possibilidades de uso do mundo, deslocando-se para outras realidades produtoras de conhecimentos diversos. A escritora Bell Hooks, ao pensar sobre a relação da imaginação com a expansão das formas de aprendizagens, diz que “quando estamos livres para deixar a mente vagar, é muito mais provável que a nossa imaginação proporcione a energia criativa que nos levará a um novo pensamento e a formas mais envolventes de saber” (Hooks, 2020, p. 107).

É nessa perspectiva que a Galeria dos Estandartes nos chama a atenção, por constituir uma forma de documentação bordada por histórias de frestas, impregnadas de afetividades, de sentimentos, de lutas e de histórias não contadas, com valores e crenças que divergem de uma estrutura universal hegemônica. São narrativas não fixadas a um lugar dominante, mas constituídas em fluxos pela vivacidade de seus pontos e arremates entrecruzados.



Ao elegermos os estandartes para estudo, colocamos em foco uma diversidade de saberes produzidos nos cotidianos das ruas, dos terreiros de Candomblés e Umbandas, nas sedes de agremiações carnavalescas, entre outros lugares habitados e praticados por corpos “que se erguem nos destroços, dos cacos despedaçados e inventam outras possibilidades” de estar no mundo (Rufino, 2019, p. 10).

O material constitui um tipo de documentação que deve ser lida com o conhecimento de saberes gestados nos lugares que extrapolam as fronteiras do cânone, entendidos por meio de outras gramáticas, pertencentes a temporalidades que conversam num movimento circular constante, no qual o hoje se conecta com outras memórias e saberes que dormem em épocas distintas. O acesso a esse tipo de fonte nos possibilita aprender, por exemplo, que festa e religião se complementam e não se dicotimizam. Com os símbolos sagrados das religiões de matrizes africanas presentes em algumas peças, aprendemos que muitas agremiações levam às ruas, no período carnavalesco, elementos de suas religiosidades como táticas de continuidade de suas práticas, historicamente perseguidas e satanizadas pelo universalismo imposto pela colonialidade do poder (Santos, 2018).

Manoelzinho Salustiano, multiartista e mestre da cultura popular, destaca que o estandarte é um elemento importante para conhecer a história de uma agremiação carnavalesca. Esse artefato não se constitui apenas de lindos bordados, mas é composto por informações sobre a longevidade, a religiosidade, a identidade ou as práticas de uma agremiação. É um elemento impregnado de narrativas, vivências e que representa uma coletividade (Moura; Santos; Araújo, 2021).

Nesse sentido, analisamos o estandarte da Troça Carnavalesca Mista Abanadores do Arruda (Figura 8), fundada em 1934, no Alto da Alegria, bairro de Água Fria - Zona Norte do Recife. A agremiação tem como orixás patronos Oxum e Ogum: a primeira representada por uma boneca dourada fixada no alto do estandarte; o segundo, presente nas cores vermelho e verde, predominantes no tecido que estrutura a bandeira<sup>6</sup>. O nome, as cores e os elementos da agremiação estão presentes em um dos seus principais instrumentos de apresentação, que proporciona identidade aos

integrantes, aos brincantes e àqueles que assistem ao desfile nas avenidas durante as festividades executadas no ano.



**Figura 8 – Estandarte TCM Abanadores do Arruda.**  
Foto: Sandra Simone Moraes de Araújo, agosto/2022.

Esse tipo de prática nos aproxima do pensamento do pesquisador Linconly Jesus Alencar Pereira, quando afirma que “esses princípios filosóficos [nos possibilitam] refletir sobre as epistemologias de terreiro e suas contribuições para novas práticas educativas” (Pereira, 2021, p. 57). Desse modo, permite-se que a vida seja apresentada em sua diversidade, respeitando as diferenças, as memórias produzidas pelas periferias, reafirmando a nossa responsabilidade “em assumir a emergência e a credibilização de outros saberes e o reposicionamento histórico daqueles que os praticam” (Rufino, 2019, p. 12).

Diante do exposto, acreditamos que a Casa do Carnaval se configura como um lugar contracolonial, rasurado, tensionado por preservar, valorizar e difundir formas diversas de falar e escrever, evidenciando outras memórias, protagonizadas por sujeitos pluralizados. Assim,

concordamos com Luiz Rufino, quando afirma “que há inúmeras formas de educação e que os processos educativos não emergem exclusivamente de um único modo ou contexto” (Rufino, 2019, p. 79). Neste sentido, a Casa constitui um espaço de salvaguarda, produção de conhecimentos e valorização de saberes historicamente silenciados.

Vários outros estandartes poderiam ser analisados, com representações diversas sobre o cotidiano, as religiões e religiosidade dos brincantes e produtores de cultura. Como lugar de ampla documentação, o recorte oferecido na pesquisa teve o objetivo de exemplificar a diversidade do material disponível para os visitantes, mas também para o desenvolvimento de outras narrativas acadêmicas.

Com uma pluralidade de documentos, espaços de memória e ações educativas, o Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval também se constitui como um espaço não formal de educação. Suas ações são pensadas a partir de propostas pedagógicas específicas, a exemplo de seminários, oficinas, rodas de conversas protagonizadas por mestres e mestras das culturas populares, que possibilitam o diálogo com públicos diversos, ultrapassando currículos e pautas conservadores, os quais desconsideram os conhecimentos prévios dos sujeitos ordinários. Por este motivo, os educadores devem se manter atentos aos espaços educacionais que têm a possibilidade de colaborar com a constituição de um conhecimento plural, longe das histórias encasteladas e que refletem os perigos de narrativas únicas e homogêneas (Moura; Santos, 2020).

## Considerações finais

Consideramos a Casa do Carnaval como um espaço de salvaguarda das histórias e memórias produzidas pelos conhecimentos que se entrecruzam e seguem na contramão dos estudos, os quais historicamente, minimizam a pluralidade cultural de quem fala das margens. Esses outros conhecimentos seguem no contrafluxo da colonialidade e nos permitem acessar outros personagens, que praticam a vida no cotidiano dos subúrbios, nas comunidades quilombolas e dos povos originários, nos terreiros,

nas encruzilhadas dos canaviais, no chão batido e nos mais diversos lugares que são repletos de saberes.

São conhecimentos que entram na academia movidos pelas pesquisas, realizadas com fontes não tradicionais, a exemplo dos estandartes, as quais possibilitam reflexões antirracistas e emancipatórias, possuidoras de verdades múltiplas. Desta forma, os usos dos acervos e ações da Casa do Carnaval favorecem a formação de entendimentos sobre a diversidade cultural pernambucana, ampliando a compreensão das manifestações populares como produtoras de formação política, de construção de identidades, de preservação de valores, de memórias e de sociabilidades.

## Notas

1 Para os neurologistas Gazzaniga, Ivry e Mangun, a memória de longa duração é composta por duas divisões principais que exprimem o tipo de informação armazenada: na memória declarativa se encontra o conhecimento pessoal e do mundo externo, que são acessados pela consciência; na memória não-declarativa estão os conteúdos aos quais “não temos acesso conscientemente, como as habilidades cognitivas e motoras [...] o priming perceptivo e os comportamentos simples aprendidos que derivam do condicionamento da habituação” (Gazzaniga; Ivry; Mangun, 2006, p. 332).

2 Pensamos a colonialidade como um sistema de poder relacionado ao pensamento hegemônico, ocidental, unilateral, autoritário e avesso às possibilidades de leitura e compreensão das diferentes práticas protagonizadas pelos sujeitos no tempo (Cf. Rufino, 2019).

3 São José é o bairro, no centro da cidade, com o maior número de becos preservados após as reformas urbanas do início do século XX. Outros becos existentes na localidade são: o Sirigado, que liga a Rua Direita à Rua das Calçadas; o Beco do Marroquim, conexão da Rua da Praia com a Rua das Calçadas.

4 O memorialista Mário Sette também se preocupou com o estudo sobre as ruas do Recife e o cotidiano da população durante o século XX (Cf. Sette, 2018).

5 Nos anos de 2018 e 2021, o Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural - Casa do Carnaval foi contemplado com projetos de salvaguarda da sua documentação, com financiamento do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura, da Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco.

6 Para mais informações sobre a Troça Abanadores do Arruda, Cf. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006; 2016.

## Referências

ARAÚJO, Sandra Simone Moraes de. Na encruzilhada dos saberes: a narrativa fotográfica no ensino de história. *In*: ARAÚJO, Sandra Simone Moraes de; SANTOS, Mário Ribeiro dos. (Orgs.). **Histórias de Frestas: outras interpretações e produções para o Ensino de História**. Recife, PE: EDUPE, 2022. p. 41-57.

ARAÚJO, Sandra Simone Moraes de; SANTOS, Mário Ribeiro dos. (Orgs.). **Narrativas Urbanas: práticas de pesquisa e escrita de novas histórias**. Recife: EDUPE, 2021.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior que o mundo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaio de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Editora Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, Vol. 01. 2002.

COSTA, Antonio Max Ferreira da;  
RODRIGUES, Joventina Firmina;

NASCIMENTO, José Mateus do Nascimento. As categorias “memória” e “memória da educação profissional” nas concepções de Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs e Maria Ciavatta. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 29, n.1, p. 59-75, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/download/51643/30179/134372>. Acesso em: 04 jan. 2024.

EVARISTO, Conceição. Narrativas de (re)existências. *In*: PEREIRA, Amílcar Araújo (Org.). **Narrativas de (re)existências: antirracismo, história e educação**. Campinas: UNICAMP, 2021, p. 23-48.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. São Paulo: Global, 2007.

GAZZANIGA, Michael S.; IVRY, Richard B.; MANGUM, George R. **Neurociência cognitiva: a biologia da mente**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HALLEY, Bruno Maia. Arruando pelo beco: um nome do passado evocado no afeto e no desamor da gente da cidade. **Revista de Geografia – PPGeo**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 1-8. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/articloe/view/17906>. Acesso em: 10 jan. 2024.

HOOKE, Bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Frevo**. Brasília: IPHAN, 2016.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Frevo**: Patrimônio Imaterial do Brasil: dossiê de candidatura. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

MANDELA, Nelson. **A Prisoner in the Garden**: Opening Nelson Mandela' Archive. Londres: Penguin books, 2011.

MOURA, Carlos André Silva de. Os antigos cafés do Recife: a sociabilidade na capital pernambucana (1920-1937). **Resgate - Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 97-107, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645732>. Acesso em: 05 jan. 2024.

MOURA, Carlos André Silva de. **Fé, saber e poder**: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930-1937). Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2012.

MOURA, Carlos André Silva de; SANTOS, Mário Ribeiro dos. (Org.). **Ultrapassando Fronteiras**: narrativas e reflexões para o Ensino de História. Recife: Editora da Universidade de Pernambuco, 2020.

MOURA, Carlos André Silva de; SANTOS, Mário Ribeiro dos; ARAÚJO, Sandra Simone Moraes de. **Manoelzinho Salustiano**: histórias de um mestre no terreiro. Recife: Editora da Universidade de Pernambuco, 2021.

PEREIRA, Linconly Jesus Alencar. **Exu nas Escolas**: uma proposta educacional antirracista. Contagem/MG: Escola Cidadã, 2021.

PIOVEZAN, Adriane. **Arquivos e acervos históricos como forma de acessar o passado**. Curitiba: Intersaberes, 2020.

PREFEITURA da Cidade do Recife. Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural. **21 anos. Exposição Festas, Cidade e Cotidiano**. Ago. – dez. 2011. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2011.

RAMA, Angel. **A Cidade das Letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Mário Ribeiro dos. No coração do Recife, São José: um lugar potente de histórias empretecidas. *In*: SANTOS, Mário Ribeiro dos; ARAÚJO, Sandra Simone Moraes de. **Narrativas urbanas**: práticas de pesquisa e escrita de novas histórias. Recife-PE: EDUPE, 2022.

SETTE, Mário. **Arruar**: História pitoresca do Recife antigo. Recife: CEPE, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no Mato**. A ciência encantada das Macumbas. São Paulo: Mórula Editorial, 2019.